

MESTRADO EM PSICOLOGIA  
PSICOLOGIA

# **Riscos e impactos para a saúde na construção civil: uma análise do ponto de vista da sinistralidade**

Andreia Filipa Martins Barroso

**M**

2024



**Universidade do Porto**  
**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

**RISCOS E IMPACTOS PARA A SAÚDE NA CONSTRUÇÃO CIVIL: UMA  
ANÁLISE DO PONTO DE VISTA DA SINISTRALIDADE**

**Andreia Filipa Martins Barroso**

Outubro, 2024

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, Psicologia das Organizações, Social e do Trabalho, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora *Liliana Cunha* (FPCEUP).

## AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

## **Resumo**

A construção civil é um dos setores onde mais se registam acidentes de trabalho, muitas das vezes graves e até fatais. Isto deve-se às condições de trabalho que expõem os trabalhadores a riscos elevados, com expressão visível e frequentemente dramática na sua saúde. Ademais, e agravando este panorama, muitas empresas não adotam um plano de regresso ao trabalho após a ocorrência de um acidente, apesar da reconhecida importância da adoção do mesmo.

Este estudo tem como objetivo explorar a atividade de trabalho dos trabalhadores da construção civil, especialmente no que concerne aos riscos profissionais, impactos para a saúde, nomeadamente, aqueles que são decorrentes de acidentes de trabalho, de acordo com o ponto de vista destes trabalhadores. O estudo incluiu um total de 12 participantes, sendo que o método de recolha de dados consistiu na realização de entrevistas individuais a trabalhadores da construção civil de uma empresa de pequena dimensão. Os resultados demonstram que os participantes reconhecem as condições penosas em que trabalham, os riscos a que se encontram expostos e os impactos desta atividade para a sua saúde. Para além disso, foi possível compreender que existe uma incompatibilidade entre as condições de trabalho e o uso dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs). Ademais, verificou-se ainda a inexistência de um plano de regresso ao trabalho após acidente, ajustado às necessidades dos trabalhadores. Tendo isto em consideração, é urgente que se invista em melhores condições para estes trabalhadores a fim de proporcionar um local de trabalho mais seguro e sustentável.

**Palavras-chave:** Acidentes de trabalho; Construção civil; Riscos profissionais; Impactos para a saúde

## **Abstract**

The construction industry is one of the sectors with the highest incidence of accidents at work, often serious and even fatal. This is due to working conditions that expose workers to high risks, with a visible and often dramatic impact on their health. Furthermore, and aggravating this scenario, many companies do not adopt a return-to-work plan after an accident, despite the recognized importance of adopting one.

This study aims to explore the work activity of construction workers, especially with regard to occupational risks, health impacts, namely those arising from accidents at work, according to the point of view of these workers. The study included a total of 12 participants, and the data collection method consisted of individual interviews with construction workers from a small company. The results show that the participants recognize the difficult conditions in which they work, the risks to which they are exposed and the impact of this activity on their health. In addition, it was possible to understand that there is an incompatibility between working conditions and the use of Personal Protective Equipment (PPE). In addition, there was no plan for returning to work after an accident, tailored to the workers' needs. With this in mind, there is an urgent need to invest in better conditions for these workers in order to provide a safer and more sustainable workplace.

**Keywords:** Accidents at work; Construction work; Occupational risks; Health impacts

## **Résumé**

Le secteur de la construction est l'un des secteurs où l'on dénombre le plus d'accidents du travail, souvent graves, voire mortels. Cela est dû aux conditions de travail qui exposent les travailleurs à des risques élevés, avec un impact visible et souvent dramatique sur leur santé. De plus, et ce qui aggrave ce scénario, de nombreuses entreprises n'adoptent pas de plan de retour au travail après un accident, malgré l'importance reconnue de l'adoption d'un tel plan.

Cette étude vise à explorer l'activité professionnelle des travailleurs de la construction, en particulier en ce qui concerne les risques professionnels, les impacts sur la santé, notamment ceux découlant des accidents du travail, selon le point de vue de ces travailleurs. L'étude a inclus un total de 12 participants et la méthode de collecte des données a consisté en des entretiens individuels avec des travailleurs de la construction d'une petite entreprise. Les résultats montrent que les participants reconnaissent les conditions difficiles dans lesquelles ils travaillent, les risques auxquels ils sont exposés et l'impact de cette activité sur leur santé. En outre, il a été possible de comprendre qu'il existe une incompatibilité entre les conditions de travail et l'utilisation des équipements de protection individuelle (EPI). En outre, il n'y a pas eu de plan de retour au travail après l'accident, adapté aux besoins des travailleurs. Il est donc urgent d'investir dans de meilleures conditions pour ces travailleurs afin de leur offrir un lieu de travail plus sûr et plus durable.

**Mots-clés** : Accidents du travail ; Travaux de construction ; Risques professionnels ; Impacts sur la santé

## Índice

<i>Introdução</i> .....	1
<i>1. Enquadramento teórico</i> .....	2
1.1 Caracterização da evolução do setor em Portugal e do perfil de trabalhadores .....	2
1.2 Caracterização dos acidentes de trabalho no setor da construção civil: em contexto internacional e nacional .....	3
1.3 Riscos profissionais determinantes dos acidentes de trabalho .....	4
1.4 Após o acidente de trabalho: que condições de regresso ao trabalho e de sustentabilidade?.....	5
<i>2. Método</i> .....	7
2.1 Participantes .....	7
2.2 Método de recolha de dados .....	8
2.3 Método de análise de dados.....	9
<i>3. Resultados e discussão</i> .....	10
3.1 Início do percurso profissional no setor .....	10
3.2 Atividade de trabalho.....	13
3.3 Riscos profissionais .....	15
3.4 Impactos para a saúde.....	20
3.5 Acidentes de trabalho .....	22
<i>4. Reflexões finais</i> .....	27
<i>Referências bibliográficas:</i> .....	29

## Índice de tabelas

<b>Tabela 1</b> Caracterização dos participantes.....	8
<b>Tabela 2</b> Exemplos de verbalizações acerca do início do percurso profissional.....	12
<b>Tabela 3</b> Exemplos de verbalizações acerca da atividade de trabalho .....	14
<b>Tabela 4</b> Exemplos de verbalizações acerca dos fatores de risco.....	17
<b>Tabela 5</b> Exemplos de verbalizações acerca dos impactos para a saúde .....	21
<b>Tabela 6</b> Exemplos de verbalizações acerca dos acidentes de trabalho .....	24

## **Introdução**

A construção civil é uma atividade muito importante a nível do desenvolvimento urbano e económico, sendo, atualmente, um setor muito importante por ser um grande fornecedor de emprego em todo o mundo. Todavia, este é um setor associado a uma grande exposição a riscos profissionais e, conseqüentemente, apresenta uma elevada percentagem de ocorrência de acidentes de trabalho (Butnaru & Nicuță, 2017).

Esta realidade é preocupante, pois grande parte destes acidentes poderiam ser evitados caso se fizesse uma melhor análise da situação de trabalho destes trabalhadores e se investisse em melhores condições de saúde e segurança de trabalho dentro deste meio (Ensslin et al., 2022).

Por conseguinte, recorrendo a uma metodologia qualitativa, procurou-se identificar os riscos e impactos para a saúde de trabalhadores da construção, de acordo com a sua perspetiva. Foi também explorada na análise a questão relativa à existência, ou não, de um plano para o regresso ao trabalho após a ocorrência de um acidente de trabalho.

A primeira parte desta dissertação é composta por um enquadramento teórico, incluindo a caracterização da evolução do setor em Portugal e do perfil de trabalhadores, a caracterização dos acidentes de trabalho, e dos riscos profissionais que originam estes mesmos acidentes e as condições de regresso ao trabalho e de sustentabilidade, após o acidente. De seguida é apresentada a metodologia do estudo, na qual se apresenta os objetivos e questões de investigação, os participantes, o método de recolha de dados e o método de análise de dados. Posto isto, segue-se a apresentação dos resultados e discussão dos mesmos, dividida em cinco tópicos: início do percurso profissional no setor, atividade de trabalho, riscos profissionais, impacto para a saúde e acidentes de trabalho. As reflexões finais incluem os contributos do presente estudo, as suas limitações e algumas questões e sugestões para possíveis investigações posteriores.

## **1. Enquadramento teórico**

### **1.1 Caracterização da evolução do setor em Portugal e do perfil de trabalhadores**

O setor da construção civil encontra-se em evolução ao longo das últimas décadas, evolução essa que se revelou significativa, refletindo mudanças económicas, sociais e também tecnológicas. É sabido que este setor é um dos grandes pilares da economia nacional, porém tem vindo a enfrentar vários desafios que acabam por moldar o perfil dos trabalhadores e as suas condições de trabalho. Desde a crise financeira de 2008, que afetou profundamente o setor, até à recuperação gradual que se foi seguindo, este setor tem demonstrado resiliência, embora ainda lute contra algumas questões, nomeadamente segurança no trabalho e formação profissional dos trabalhadores (Sobrinho & Medeiros, 2017; Silva et al., 2021). O perfil dos trabalhadores da construção civil em Portugal é caracterizado por uma predominância masculina, numa faixa etária que varia entre os 25 e os 54 anos. A maioria possui formação escolar de nível básico ou secundário, refletindo uma força de trabalho pouco qualificada (Sobrinho & Medeiros, 2017). Analisando dados de 2023 divulgados pela Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas (AICCOPN), é possível perceber que o número de trabalhadores de empresas do setor da construção subiu 8,1%, em termos homólogos, no terceiro trimestre desse ano, rondando os 346 mil. Para além de representar uma subida acentuada, revela-se também o número mais elevado registado em onze anos, desde o segundo trimestre de 2012. Outro aspeto a explorar é a situação contratual destes trabalhadores, a informalidade continua a ser uma preocupação, com muitos trabalhadores sem contratos formais, o que não só compromete os seus direitos laborais, mas também a sua segurança e a saúde no trabalho (Barros, 2021).

A evolução do setor da construção civil em Portugal está também ligada a mudanças nas políticas públicas e nas práticas de segurança. Nos últimos anos, houve um aumento na consciencialização acerca da importância da segurança no trabalho, levando à implementação de normas mais rigorosas e à promoção de uma cultura de segurança (Sobrinho & Medeiros, 2017). No entanto, a aplicação dessas normas continua a enfrentar desafios, especialmente em pequenas e médias empresas, onde a resistência à mudança e a falta de recursos acabam por limitar a eficácia dessas iniciativas de segurança (Maciel & Neto, 2022).

## **1.2 Caracterização dos acidentes de trabalho no setor da construção civil: em contexto internacional e nacional**

Os acidentes de trabalho no setor da construção civil são caracterizados por um panorama alarmante, tanto em contexto nacional como europeu. Este é marcado por uma grande taxa de sinistralidade e desafios significativos no que concerne à saúde e segurança, sendo um setor associado a uma grande exposição a riscos profissionais (Butnaru & Nicuță, 2017).

O crescimento exponencial da população nas últimas décadas levou a uma necessidade de habitação e infraestrutura correspondente. Porém, o crescimento do processo construtivo ocorreu sem um desenvolvimento científico paralelo da segurança do trabalhador. Isso tem deixado um legado anual de milhões de mortes de trabalhadores ou trabalhadores com lesões permanentemente incapacitantes, acompanhadas das respetivas repercussões sociais e económicas (Ensslin et al., 2022).

Na Europa, a Agência Europeia para a Segurança e Saúde no Trabalho (EU-OSHA) destaca a construção civil como um dos setores com maior taxa de acidentes de trabalho, pelo que se revela fundamental a implementação de normas de segurança, bem como a promoção de uma cultura de segurança, tendo em vista a mitigação desses riscos. Analisando dados da Pordata é possível comprovar este cenário preocupante. A nível europeu, no ano de 2021 registaram-se na União Europeia 2 886 507 acidentes de trabalho graves, dos quais 369 145 foram no setor da construção, representando então 12,8% e sendo o segundo setor com o maior número de acidentes de trabalho graves registados, tendo à sua frente apenas a indústria transformadora. Abordando agora acidentes de trabalhos mortais na União Europeia, também no ano de 2021, registou-se um total de 3 347 acidentes, dos quais 741 foram no setor da construção, tendo sido o setor com maior registo de acidentes de trabalho mortais, totalizando 22,1% do número total de acidentes (Pordata, 2021).

Abordando especificamente o contexto português, o cenário é igualmente alarmante, sendo esta uma atividade com maior risco de acidentes fatais e incapacitantes (Silva & Oliveira, 2023; Bridi et al., 2013). Segundo a Autoridade para as Condições do Trabalho (ACT), a construção civil é um dos setores com maior índice de acidentes, o que é corroborado por várias estatísticas da Pordata. Em Portugal, é possível perceber que no ano de 2022, registaram-se, em Portugal, 184 622 acidentes de trabalho, dos quais 44 128 foram no setor da construção. Este valor é bastante significativo, tendo sido o setor

com maior registo de acidentes de trabalho, tendo registado exatamente o mesmo número de acidentes de trabalho que a indústria transformadora. Falando de acidentes de trabalho mortais, nesse mesmo ano, de um total de 141 acidentes de trabalho mortais, 44 foram no setor da construção, representando assim 31,2% do número total de acidentes mortais e sendo o setor que registou um maior número (Pordata, 2022).

### **1.3 Riscos profissionais determinantes dos acidentes de trabalho**

Tal como já referido, o setor da construção civil é um setor com muitos riscos profissionais associados. Este setor é caracterizado pelas suas condições de trabalho desafiadoras, que frequentemente resultam em acidentes de trabalho graves e por vezes, fatais e pela predominância de uma força de trabalho composta por trabalhadores com baixos níveis de escolaridade e qualificação. Vários estudos indicam que esta conjuntura interligada com práticas de trabalho informais e lacunas na segurança, contribuem para os alarmantes números de acidentes registados (Ensslin et al., 2022), uma vez que, tal como supracitado, analisando o contexto nacional e europeu, a construção civil é um dos setores com os mais altos índices de acidentes de trabalho.

Pensando nos principais riscos a que os trabalhadores deste setor se encontram expostos, podemos identificar as quedas de alturas elevadas, a exposição a condições de trabalho adversas e o manuseamento inadequado de equipamentos pesados. Para além destes, o trabalho neste setor está fortemente associado à realização de esforços físicos. Estas tarefas fisicamente exigentes, tais como o levantamento e transporte de cargas excessivamente pesadas, revelam-se uma enorme sobrecarga. Para além disso, podem ainda resultar em lesões crónicas como distúrbios musculoesqueléticos e problemas nas costas (Ferreira et al., 2019; Lima & Cavaignac, 2021).

Ademais, o incumprimento das normas de segurança revela-se um dos fatores determinantes da alta taxa de acidentes registados neste setor (Silva et al., 2021). Vários estudos têm vindo a demonstrar que a falta de formação apropriada e a utilização inadequada de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) também são fatores que levam à ocorrência de acidentes de trabalho (Bridi et al., 2013; Junior et al., 2023).

Esta problemática está muitas vezes associada à falta de perceção dos trabalhadores envolvidos nas mais diversas atividades que compõem este setor, bem como, à lacuna por parte das empresas em identificar riscos a que esses trabalhadores estão expostos (Stradioto et al., 2022). A precarização do trabalho, a rotatividade elevada

e a informalidade são características que enaltecem estes riscos, levando a que surja uma subestimação dos perigos por parte dos trabalhadores (Junior et al., 2023; JÚNIOR, 2022). Para além disto, a pressão para cumprimento de prazos e a falta de supervisão apropriada conduz muitas vezes a decisões apressadas que também comprometem a segurança dos trabalhadores (Challouts et al., 2022). Ademais, tratando-se muitas vezes de trabalhos de natureza temporária e em condições contratuais precárias, existe uma subestimação dos riscos a que se encontram expostos, por parte dos trabalhadores deste setor (Junior et al., 2023).

Os riscos acima descritos levam não só à ocorrência de acidentes de trabalho mas também ao desenvolvimento de doenças profissionais. Um estudo de Stradioto e colaboradores (2022), chamou à atenção para o aumento das doenças relacionadas com o trabalho dos trabalhadores desta área e os custos associados a esses mesmos acidentes para as empresas (Stradioto et al., 2022). Deu-se então um aumento de 40% ao nível dos custos de tratamento de saúde profissional, o que evidencia ainda mais a ideia de que é necessário dar mais importância à criação de medidas de saúde e segurança na área da construção. O estudo menciona ainda que 45 milhões de trabalhadores na Europa sofreram de distúrbios músculo-esqueléticos relacionados com o trabalho, o que mais uma vez demonstra a necessidade de intervenções ao nível da prevenção.

#### **1.4 Após o acidente de trabalho: que condições de regresso ao trabalho e de sustentabilidade?**

O regresso ao trabalho após um acidente laboral é um processo complexo que envolve diversos fatores, dos quais podemos destacar a saúde física e mental dos trabalhadores, as políticas de reintegração adotadas pelas empresas e a adequação do local de trabalho. Este é um tema de interesse crescente quando se aborda questões relacionadas com a segurança no trabalho e saúde ocupacional. Quando abordamos este processo temos que ter em consideração que o mesmo é regularmente influenciado por fatores como a gravidade das lesões, a natureza do acidente, o suporte social e familiar e as políticas de reintegração implementadas pelas empresas (Santos et al., 2020; Monteiro & Pereira, 2018.).

A reintegração de trabalhadores após um acidente deve então ser abordada seguindo uma visão holística, tendo em consideração não apenas a recuperação física, mas também o suporte psicológico e a adaptação do ambiente de trabalho. Vários estudos

indicam que a reabilitação profissional é essencial para facilitar o regresso ao trabalho, permitindo que os trabalhadores adquiram novas habilidades ou se readaptem às suas funções anteriores (Santos et al., 2018; Santos & Oliveira, 2018).

Em setores de alta periculosidade como é o caso da construção civil, este processo revela-se particularmente crítico, devido ao elevado número de acidentes de trabalho registados neste setor. Existem diversos fatores que dificultam a reintegração de trabalhadores após um acidente neste setor, tais como a falta de formação adequada em segurança, a pressão para a produtividade e uma cultura de trabalho que muitas vezes minimiza os riscos (Monteiro & Pereira, 2018; Pereira et al., 2018).

Analisando especificamente o contexto português, o panorama revela-se alarmante. A inexistência de uma cultura de segurança e a subnotificação de acidentes dificultam a análise e a implementação de medidas preventivas eficazes (Monteiro & Pereira, 2018). Além disso, a experiência de dor e sofrimento após um acidente pode impactar significativamente a capacidade do trabalhador para regressar ao trabalho. Vários estudos têm demonstrado que dor crónica e problemas psicológicos, como depressão e ansiedade são frequentemente registados em trabalhadores que sofreram acidentes, o que se revela uma complicação para o processo de reintegração (Valcorte et al., 2020).

Portanto, é crucial que as empresas desenvolvam estratégias que não apenas abordem a recuperação física, mas também ofereçam suporte psicológico e emocional aos trabalhadores durante o processo de regresso ao trabalho. Em muitos casos, a falta de um plano estruturado para o regresso pode resultar em longos períodos de afastamento, o que não só afeta a vida do trabalhador, mas também gera custos significativos para as empresas e para o sistema de saúde (Santos et al., 2020). A implementação de programas de reabilitação e reintegração deve, portanto, ser prioritária para as empresas, especialmente na construção civil. Estes programas devem incluir avaliações individuais das capacidades do trabalhador após o acidente, adaptações no local de trabalho e formação contínua em segurança (Santos et al., 2020; Monteiro & Pereira, 2018).

Alargando esta análise ao contexto europeu, o regresso ao trabalho após acidentes laborais tem sido objeto de diversas iniciativas e políticas. A União Europeia tem promovido a criação de diretrizes que incentivam os Estados-Membros a desenvolverem estratégias de reintegração que tenham em consideração as necessidades dos

trabalhadores e as especificidades de cada setor (Santos et al., 2020). Em muitos países europeus, a legislação exige que as empresas implementem planos de ação para o regresso ao trabalho, que incluam a avaliação das condições de saúde e segurança, o que tem contribuído para uma maior taxa de reintegração bem-sucedida (Monteiro & Pereira, 2018).

## **2. Método**

A problemática em análise na presente dissertação incide na exploração de uma relação entre trabalho, saúde e segurança no setor da Construção Civil. Neste sentido, os objetivos do estudo passam por identificar as condições de trabalho destes trabalhadores, a exposição a riscos e os impactos desta atividade para a saúde, do ponto de vista da sinistralidade. Bem como, identificar a ocorrência de acidentes de trabalho e analisar o respetivo processo de regresso ao trabalho. Por conseguinte, defino as seguintes questões de investigação: A que riscos e impactos para a saúde estão expostos os trabalhadores da construção civil? Quais as condições de regresso ao trabalho após acidente, no contexto deste setor de atividade?

O estudo adota uma metodologia qualitativa de natureza exploratória uma vez que a investigação recaiu na exploração das perspetivas dos trabalhadores acerca dos riscos a que se encontram expostos e respetivos impactos para a sua saúde. Bem como do seu ponto de vista referente aos acidentes de trabalho vividos e consequente, processo de regresso à atividade de trabalho. A escolha desta metodologia revela-se pertinente uma vez que se pretende compreender fenómenos complexos, dentro dos quais os significados atribuídos às experiências pelos participantes são de extrema importância, deste modo será possível captar a complexidade das interações (Knauth & Leal, 2014).

### **2.1 Participantes**

Tendo em conta a problemática em estudo, fez-se então a seleção dos participantes, estes foram selecionados por conveniência. Apesar disto foram recolhidos alguns indicadores junto da chefia, nomeadamente trabalhadores que já sofreram algum acidente trabalho e com atividades tendencialmente mais expostas ao risco. A amostra é constituída por trabalhadores da construção civil de uma pequena empresa. Esta é composta por 12 participantes, todos do sexo masculino com idades compreendidas entre

os 33 e os 59 anos. Foram incluídos trabalhadores de várias equipas correspondentes a diferentes atividades, incluindo estrutura, serralharia, alvenaria, andaimais, acabamentos de interiores e isolamento de exteriores. Nesta empresa, o trabalho é realizado por várias equipas, sendo que cada participante inclui apenas uma das equipas. Estas são responsáveis por diferentes tarefas e fases da obra. A antiguidade varia entre os 10 e os 25 anos. Pode ser encontrada uma análise mais detalhada destes participantes na Tabela 1.

**Tabela 1**

*Caracterização dos participantes*

<b>Participante</b>	<b>Idade</b>	<b>Atividade</b>	<b>Antiguidade na atividade (em anos)</b>	<b>Acidente de trabalho</b>	<b>Tempo em casa</b>
P1	33	Estrutura	10	Dedo “trilhado”	3 semanas
P2	64	Estrutura (chefia)	25	-	-
P3	50	Acabamentos	22	-	-
P4	56	Acabamentos	23	Queda de alturas	1 ano e 3 meses
P5	50	Acabamentos	24	-	-
P6	48	Isolamento exteriores (ETICS)	25	-	-
P7	53	Serralharia	25	-	-
P8	59	Estrutura	25	-	-
P9	49	Alvenaria	25	Articulações	6 meses
P10	57	Acabamentos	15	-	-
P11	44	Acabamentos	21	-	-
P12	52	Andaimés	25	Queda de alturas	3 meses

## **2.2 Método de recolha de dados**

O instrumento de recolha de dados privilegiado nesta investigação foi a entrevista semiestruturada. Este tipo de entrevista permite que surjam discussões mais aprofundadas, possibilitando a adaptação das questões ao longo da entrevista e dessa

forma, a exploração de temas emergentes, indispensável para a compreensão de práticas profissionais e percepções dos participantes (Rycroft-Malone et al., 2004).

Para as entrevistas foi elaborado um único guião, aplicado a todos os participantes do estudo. Relativamente a estrutura, o inquérito incluiu um primeiro grupo que continha questões sociodemográficas e, após estas, dividido em quatro partes de acordo com as temáticas em estudo: (I) percurso profissional no setor; (II) condições de emprego (III) atividade de trabalho e condições do exercício da atividade; IV) acidentes de trabalho. As entrevistas foram realizadas no escritório da empresa e tiveram uma duração média de 28 minutos.

As entrevistas à chefia foram incluídas no guião supracitado, uma vez que os seus elementos também trabalham na empresa. Apesar disto, antes da realização das mesmas foram recolhidos com o encarregado alguns indicadores importantes para seleção dos participantes, bem como algumas informações relativamente à atividade de trabalho para ser possível compreender melhor a informação que iria ser recolhida na entrevista, uma vez que, por questões de segurança, não foi possível a realização de observações do contexto real de trabalho.

Importante referir que foram garantidas todas as questões relativas a confidencialidade, o anonimato e restituição dos dados foi acordado com os participantes antes da realização das entrevistas, tendo sido assinado um termo de consentimento informado.

### **2.3 Método de análise de dados**

Após a recolha dos dados acima descrita, procedeu-se à análise de conteúdos mesmos, utilizando a análise temática qualitativa definida por Braun e Clarke, um método composto por um conjunto de seis fases: (1) familiarização com os dados, (2) criação de códigos iniciais, (3) identificação de temas, (4) a sua revisão, (5) definição e nomeação e, por último, (6) a comunicação desses mesmos temas (Braun e Clarke, 2006).

Inicialmente, para cumprir com a primeira fase do método utilizado, familiarização com os dados, realizou-se a transcrição de todas as entrevistas realizadas e após isto passou-se à leitura ativa e repetida das mesmas (Braun e Clarke, 2006). Para além disto, durante a realização dessas leituras efetuou-se também ao registo das ideias mais importantes, fazendo uso da técnica de leitura flutuante (Bardin, 1977/2016). Posto isto, criaram-se os códigos iniciais, ou seja, passou-se à codificação dos dados em todo o

*corpus*, recorrendo a uma abordagem semântica, seguindo a ideia transmitida pelos participantes, sem fazer qualquer tipo de análise interpretativa. Ao longo desta fase foi feito o registo de possíveis temas. Posto isto, procedeu-se então ao registo final dos temas, realizando uma análise interpretativa, através da qual foram surgindo possíveis categorias e subcategorias. Após uma revisão de toda esta informação, verificando a relação entre temas e dados codificados, surgiu então o mapa temático de análise. Seguiu-se a definição e nomeação dos temas, tendo em consideração as especificidades de cada um e por fim, à comunicação desses mesmos temas.

### **3. Resultados e discussão**

Tendo por base os objetivos do estudo e os dados recolhidos nas doze entrevistas realizadas, surgiram temas pertinentes no que concerne à saúde e segurança dos trabalhadores da construção civil. Essa análise culminou nos resultados que serão apresentados e discutidos de seguida, encontrando-se estes divididos em cinco tópicos relevantes para a análise: início do percurso profissional no setor, atividade de trabalho, riscos profissionais, impactos para a saúde e acidentes de trabalho. Esta estrutura prende-se com a necessidade de conhecer a história destes trabalhadores da forma mais completa possível. Assim, procura-se, primeiro, perceber como teve início o seu percurso profissional e, posteriormente, todos os detalhes da sua atividade de trabalho, incluindo as suas condições de trabalho, as tarefas realizadas e a forma como encaram esta atividade. Após isto, procurou-se entender o seu ponto de vista relativamente aos riscos profissionais a que se encontram expostos e os impactos desta atividade para a saúde. Por fim, é analisada a ocorrência de acidentes de trabalho e a forma como aconteceu o processo de regresso, no caso dos trabalhadores que sofreram algum acidente. Esta informação será complementada recorrendo a verbalizações dos participantes.

#### **3.1 Início do percurso profissional no setor**

Quando se analisa o percurso profissional no setor da construção civil, não podemos deixar de salientar o seu início habitualmente precoce. O ingresso nesta atividade aconteceu, na maior parte dos participantes, quando estes ainda eram menores de idade. O seu início neste setor ocorreu entre os 13 e os 19 anos de idade. Apesar de

reconhecerem que não se trata da melhor opção, esta revelava-se a única possível para todos eles, necessitando de garantir suporte financeiro à sua família: *“Eu comecei a trabalhar com 13 anos, coisa que não devia ser, mas tinha que ajudar lá em casa (...)”* (P11). Este revela-se um fator que merece atenção porque são conhecidos os impactos negativos de um início precoce do percurso profissional, nomeadamente no que concerne à adaptabilidade e satisfação profissional. Segundo Blokker et al., jovens que entram no mercado de trabalho sem uma base sólida de experiência e competências podem apresentar um prejuízo na sua relação entre competências de carreira e a percepção de empregabilidade, comprometendo a sua confiança na capacidade de obter e manter um emprego (Blokker et al., 2019). Isto pode levar a uma trajetória profissional pautada pela insatisfação, com trabalhadores presos a empregos que não correspondem às suas expectativas nem refletem as suas capacidades, fazendo com que surja um ciclo caracterizado por desmotivação e altos níveis de *stress* (Creed et al., 2005).

Ademais, outro fator que merece atenção relativamente ao início do percurso profissional é a forma como se deu a aprendizagem desta atividade. Todos os participantes destacam a existência de uma partilha de saberes-fazer por parte de trabalhadores mais velhos e, em muitos dos casos, aprender por observação já estando em contexto de trabalho: *“Aprendi a ver os outros fazer, via e fazia igual (...) Antigamente ninguém perdia tempo connosco a explicar como se faz as coisas.”* (P3). Existe uma dualidade de perspetivas associadas a este tema pelo que é possível aferir que esta opção apresenta vantagens e desvantagens, apresentadas também pelos participantes do estudo. Vários estudos apontam que este é um setor onde o recurso à aprendizagem informal se revela uma mais-valia uma vez que os trabalhadores para além de aprenderem técnicas de construção, aprendem também a cultura e práticas de segurança no trabalho, recorrendo à observação e interação com trabalhadores com mais experiência (Reatto & Godoy, 2017). Porém, contrariamente ao que é defendido por este autor, vários participantes afirmaram que recorrendo a esta técnica de aprendizagem, acabaram por adquirir alguns “vícios” e maneiras de trabalhar que não são as mais corretas, mas sim a forma que “dá mais jeito”. Ou seja, nem sempre são transmitidas práticas de segurança desta forma. Deste modo, seria pertinente adequar a aprendizagem neste setor, conciliando a transmissão de conhecimentos dos “artistas mais velhos”, com alguma formação, nomeadamente no que concerne ao manuseamento de certas máquinas e instrumentos.

## Tabela 2

### *Exemplos de verbalizações acerca do início do percurso profissional*

---

<b>Idade</b>	<p><i>“Eu comecei com 14 anos, nas obras.” (P1)</i></p> <p><i>“Comecei com 14 anos, a área é a construção.” (P4)</i></p> <p><i>“Eu comecei a trabalhar com 13 anos, coisa que não devia ser, mas tinha de ajudar lá em casa. E foi na construção mesmo.” (P11)</i></p> <p><i>“Olhe menina, eu trabalho desde os meus 14 anos e foi sempre na construção.” (P12)</i></p>
<b>“Artistas mais velhos”</b>	<p><i>“Aprendi com os outros artistas mais velhos, fui aprendendo com a experiência e com vontade de aprender, há muita gente que é sempre servente porque não tem essa vontade.” (P8)</i></p> <p><i>“Aprendi com os meus colegas, curso nunca tiramos nada, era só com os colegas, ia vendo e ia fazendo igual, era assim que se aprendia.” (P2)</i></p> <p><i>“Aprendi a ver os outros fazer, via e fazia igual. Fiz muitas asneiras, uma pessoa comete erros, mas era assim que se ia aprendendo, ganhando experiência. Antigamente ninguém perdia tempo conosco a explicar como se faz as coisas.” (P3)</i></p> <p><i>“Antigamente, aprendíamos olhando e praticando, via os outros fazer e fazia igual. E começava a praticar e pronto. E aprendeu se assim. Agora já há outros meios, não é? Já existem formações e tudo mais, mas antigamente era assim, ia se para a atividade e aprendia-se a fazer. Não é?” (P4)</i></p>

---

---

*“Aprendi com os burros velhos, antigamente não havia formações para nada. Ia para o trabalho e tinha que me desenrascar, via os outros e ia fazendo igual.” (P12)*

---

### **3.2 Atividade de trabalho**

Passando para a atividade de trabalho, importa perceber as condições de trabalho destes trabalhadores que estão expostos a situações de trabalho atravessadas por inúmeros riscos e. Destes podemos destacar a exposição a condições meteorológicas adversas, a realização de trabalho pesado e a exposição a sujidade: *“Eu não gosto de andar no capoto. É muito duro” (P10)*. Tal como é defendido por vários autores, estas condições são inadequadas, demonstrando uma alarmante realidade. A combinação das condições de trabalho destacadas pelos participantes - exposição a condições meteorológicas adversas, realização de trabalhos custosos e sujeição a ambientes insalubres - não só compromete a saúde e a segurança dos trabalhadores, como também salienta uma urgente necessidade da adoção de melhores práticas de gestão de saúde e segurança neste setor- (Silva et al., 2021; Cândido, 2023; Bridi et al., 2013).

Estas condições e dureza associada ao trabalho realizado leva a que estes trabalhadores encarem esta atividade como algo que têm de fazer, condições às quais têm que se sujeitar como forma de subsistência, não tendo sido visível prazer no trabalho quando se aborda esta atividade: *“Quer goste, quer não goste, tenho mesmo que fazer” (P2)*. Para além disto, importa também salientar a opinião que muitos deles demonstraram ter quanto à escolha desta mesma atividade. Como supracitado, o início do percurso profissional foi precoce, não correspondendo bem a uma opção dos participantes, mas sim a uma necessidade. Neste sentido, muitos revelam que atualmente, ou tendo a oportunidade de regressar no tempo, não optariam pela escolha desta atividade, mas sim por um trabalho mais leve: *“Sempre trabalhei neste setor, nunca experimentei mais nada, se fosse agora não o faria, é muito duro” (P11)*. Apesar disto, foi possível identificar que apesar de algum descontentamento, acabam por aceitar continuar na atividade: *“(…), mas agora também por pouco tempo não vale a pena sair” (P2)*. Esta postura em relação às condições de trabalho verifica-se também quando se questiona relativamente à

estabilidade, pelo que todos consideram a sua situação de emprego estável e afirmam que será esta a sua atividade “até à reforma”.

Esta postura pode ser justificada pelo facto de existir um mercado de trabalho limitado no que concerne a setores alternativos ao da construção civil, o que leva estes participantes a continuarem na atividade independentemente da insatisfação sentida relativamente às condições a que se encontram expostos. Para além disso, e tal como percebido pelo discurso dos participantes, estes encaram estas condições de trabalho como inevitáveis dentro deste setor, internalizando a ideia de que a dureza das tarefas é uma característica intrínseca, criando então a perceção de que estas condições são normais (Banez et al., 2019; Cerić & Ivić, 2020).

### **Tabela 3**

#### *Verbalizações acerca da atividade de trabalho*

---

	<i>“É chuva, sol, é tudo! Eu costumo dizer, nós somos os animais da selva” (P2)</i>
<b>“Animais da selva”</b>	<i>“Já não tenho idade nem saúde para trabalhos muito pesados, mas continuo a fazê-los, quando tem que ser.” (P3)</i>
	<i>“Eu não gosto de andar no capoto. É muito sujo.” (P10)</i>
<b>“Quer goste, quer não goste”</b>	<i>“(…) Para mim é tudo igual, a gente tem de fazer um bocado de cada. Ao fim ao resto para mim é tudo igual. Tem de se fazer tudo. Portanto eu não tenho grande alternativa. Quer goste, quer não goste, tenho mesmo que fazer.” (P2)</i>
	<i>“[E o que lhe dá mais gosto de fazer?] Tudo, uma pessoa tem que fazer tudo.” (P1)</i>

---

---

*“Já não tenho idade nem saúde para trabalhos muito pesados, mas continuo a fazê-los, quando tem que ser.” (P3)*

*“Gostar não gosto de nada. Tem que se fazer que é diferente.” (P12)*

---

**“É muito duro”**

*“Tem que se trabalhar...agora também já não são os anos tantos. Antes fossem, mas também se fossem eu não queria trabalhar na construção. Eu devia procurar um trabalho mais...mais calmo, mais relaxado. Mas agora também por pouco tempo não vale a pena sair.” (P2)*

*“Sempre trabalhei neste setor, nunca experimentei mais nada, se fosse agora não o faria, é muito duro.” (P11)*

---

*[Considera a sua situação de emprego estável?] Sim, sim, até à reforma. (P2)*

**“Até à reforma”**

*“[Considera a sua situação de emprego estável?] Sim, sim, sem dúvida. Já não troco, enquanto me quiserem.” (P3)*

*“[Então considera a sua situação de emprego estável?] Sim, sim, estável. É como lhe digo, é para a vida” (P12)*

---

### **3.3 Riscos profissionais**

Tal como supracitado, esta é uma atividade exposta a diversos riscos profissionais. Riscos estes que foram identificados e explicados pelos participantes. Primeiramente, temos a exposição a condições meteorológicas, muitas vezes adversas e consequentemente, a diferentes temperaturas. Foram vários os participantes que ressaltaram a dificuldade de trabalhar à chuva, ao sol, com frio e ao com calor. Referindo

até mesmo que o material chega a congelar no inverno e a queimar no verão: *“Primeiro andamos ao frio, andamos ao calor, e quando está muito frio o metal fica gelado mesmo, um gajo quase congela, é um gelo dos diabos. Depois chega ao verão e fica muito quente, é que o metal dos andaimes queima mesmo, basta só raspar, eu até uso luvas, mas às vezes com um descuido, já me queimei bem num braço (...) ainda tenho a marca”* (P12). É sabido que a exposição a estas condições, como temperaturas extremas e chuvas, tem um impacto considerável na saúde destes trabalhadores. Vários estudos indicam que uma exposição prolongada a estas condições pode causar problemas diversos, como por exemplo hipotermia (Dogbla et al.,2023).

Outro risco, a ressaltar no exercício desta atividade, é o trabalho em alturas: *“Mas o risco maior é as alturas. Porque nós também temos alguns edifícios com 4, 5 pisos, onde nós é que montamos os andaimes, é que fazemos tudo”* (P6). Este é um dos maiores riscos uma vez que as quedas são uma das maiores causas de acidentes graves e muitas vezes, fatais, neste setor (Gustavsson et al., 2022).

Uma das características mais associadas ao exercício desta atividade é a necessidade da realização de esforços físicos intensos. Isto acontece nas mais diversas atividades neste contexto, tendo sido destacadas situações em que têm que pegar em peças muito pesadas, tarefa essa que costuma ser desempenhada apenas por uma pessoa, tornando-a assim ainda mais difícil: *“(...)Aquelas tijoleiras de 1,20m por 1,20m, (...) sozinho é mais complicado”* (P9).

Outra tarefa que foi identificada pelos participantes como potencialmente arriscada é a exposição a produtos químicos. Isto deve-se não só à utilização diária de tinta, muitas vezes sem recorrer à utilização de luvas, como também às técnicas prejudiciais que são utilizadas para retirar essa tinta das mãos, tendo vários participantes referido que fazem a remoção da mesma recorrendo à utilização de diluente e lixívia. Ainda assim, apesar de identificarem este comportamento como errado, existe uma normalização das suas consequências: *“(...) tenho sempre as mãos secas, ásperas, mas bem são mãos de trabalhador, não é?”* (P12).

Por fim, abordando os riscos associados ao exercício desta atividade é de extrema relevância abordar a utilização de EPIs. A literatura demonstra que a utilização destes equipamentos pode levar a uma redução significativa da ocorrência de acidentes e lesões em contexto laboral (Alemu et al.,2020). Apesar da reconhecida importância da sua

utilização, alguns dos participantes acabaram por referir que às vezes não utilizam estes equipamentos com o objetivo de facilitar a execução da tarefa. Assim, é possível realizá-la de forma mais confortável, conseguindo um maior rendimento. “(...) Agora a pintar muitas vezes as luvas ficam de lado também. Sinto que não tenho o mesmo andamento com elas, atrapalham um bocado (...)” P12. Com isto podemos refletir acerca das motivações para a não utilização de EPIs e, contrastar com a opinião de alguns autores que defendem que existe uma resistência por parte destes trabalhadores à sua utilização (Ensslin et al., 2022). A verdade é que não se trata de resistência, estes trabalhadores têm perceção dos riscos a que se encontram expostos e dos benefícios da utilização destes equipamentos, mas acabam por não os utilizar apenas com o objetivo de desempenhar as tarefas com maior rapidez (“(...) não conseguimos dar o rendimento que podíamos dar” (P9), obedecendo aos *timings* que têm de cumprir e numa tentativa de trabalhar de uma forma minimamente mais confortável, tendo em conta todos os restantes desafios que acabam por ter que enfrentar. Esta realidade demonstra uma incompatibilidade entre as condições de trabalho e o uso dos EPIs.

#### **Tabela 4**

*Exemplos de verbalizações acerca dos fatores de risco*

---

	<i>“[E o que diria que é mais difícil?] Quando está a chover, trabalhar à chuva é muito complicado.” (P1)</i>
<b>“Um gelo dos diabos”</b>	<i>“Andar à chuva, todo o inverno quando chove, sempre de manhã à noite, tem que se trabalhar à chuva. E exposto também ao calor, em certas ocasiões do dia, que o ferro queima mesmo, a gente tem de pôr água para aguentar as mãos. E tanto faz ter luvas como não ter, é a mesma coisa, é um calor... É complicado. É complicado.” (P2)</i>
	<i>“(...) nós andamos sempre expostos ao sol, à chuva, ao frio, ao gelo e para o nosso organismo é mau e prejudica a nossa saúde. Tudo isso vai tendo impacto.” (P8)</i>

---

---

*“Primeiro andamos ao frio, andamos ao calor, e quando está muito frio o metal fica gelado mesmo, um gajo quase congela, é um gelo dos diabos. Depois chega ao verão e fica muito quente, é que o metal dos andaimes queima mesmo, basta só raspar, eu até uso luvas, mas às vezes com um descuido, já me queimei bem num braço, olhe aqui, ainda tenho a marca.”*  
(P12)

---

*“[A que riscos considera que se encontra exposto?] A alturas, sempre”*  
(P11)

**Trabalho em alturas**

*“Mas o risco maior é as alturas. Porque nós também temos alguns edifícios com 4, 5 pisos, onde nós é que montamos os andaimes, é que fazemos tudo.”*  
(P6)

*“[A que riscos considera que se encontra exposto?] A alturas, sem dúvida. Às vezes uma pessoa está sem proteção. E nos andaimes há peças que são mais afiadas e com a queda podem causar lesões, mesmo que a queda seja pequena.”* (P12)

**Esforço físico**

---

*[A que riscos considera que se encontra exposto?] (...)também a parte de às vezes pegar sozinho em peças muito pesadas, é sempre um risco, se aquilo cai. É que agora o pessoal escolhe tudo muito grande, aquilo tem um peso e para pegar não é fácil, nem encontro posição e ainda o medo de partir que aquilo tem ar de caro.”* (P2)

*“Tudo isso vai tendo impacto. E não é só, o esforço físico também, pois apesar de se utilizar gruas e outros materiais, é preciso nós esforçarmo-nos. Como por exemplo, vigas que são pesadas, e temos que conseguir encaixá-las no sítio, porque não é fácil às vezes.”* (P8)

---

---

*“(...) porque agora toda a gente faz azulejo muito grande com dimensões muito grandes e um gajo sozinho, depois é pulso, joelhos, a gente vai mais assentar chão, por exemplo. Aquelas tijoleiras de 1,20m para 1,20m, um gajo sozinho é mais complicado.” (P9)*

---

*“Riscos não são muitos, é mais os químicos das tintas, todos os dias com aquele cheiro torna-se complicado (...) e pior, no final do dia ainda tiro os restos com diluente, não deve fazer muito bem à pele...” (P3)*

*“Por exemplo, químicas, essas coisas químicas. Estou sempre exposto aos produtos químicos” (P4)*

**“Essas coisas químicas”**

*“Depois a tinta também é um bocado química e todos os dias, acredito que vá tendo algum impacto. Para além disso e isto eu não devia mesmo fazer, mas pronto muitas vezes pinto sem luvas então no final do dia para os restos saírem das mãos é com lixívia que eu tiro e isso também deve fazer mal, tenho sempre as mãos secas, ásperas, mas bem, são mãos de trabalhador, não é?” (P12)*

---

*“Às vezes, é assim, às vezes para um desenrasque, não vou pegar na máscara só para cortar um bocadinho. Para acertar as vezes um cortezito. “(P5)*

**“Para um desenrasque”**

*“Aiii as luvas raramente pego nelas, faz muito calor e parece que nem se sente o pincel da mesma maneira. O resto utilizo, agora as luvas não dão jeitinho nenhum.” (P3)*

*“Uma vez ou outra lá falha, mas normalmente utilizamos. Se for só para desenrascar. Algo mais rápido, às vezes esquece” (P11)*

*“Às vezes. [Às vezes? Então, e porquê que não utiliza às vezes?] Porque não conseguimos trabalhar igual. Não temos tanto rendimento. Andámos ali para as coisas com a corda, com a aranha, não conseguimos dar o*

---

---

*rendimento que podíamos dar, não temos igual. Mas devíamos andar. É para tornar um bocadinho a atividade mais fácil, que às vezes não se utiliza. (P9)*

*[“Utiliza todos os equipamentos de proteção necessários? (...) normalmente sim, mas quando estamos a mudar o arnês de sítio, estamos sem ele durante algum tempo, o que pode ser perigoso. Agora a pintar muitas vezes as luvas ficam de lado também. Sinto que não tenho o mesmo andamento com elas, atrapalham um bocado ou o capacete quando está muito calor, às vezes também se poussa. Quando está a chover até dá jeito, para não chover na cabeça, agora com o calor... (P12)*

---

### **3.4 Impactos para a saúde**

Tendo em conta os riscos descritos, estes naturalmente acabam por ter impacto na saúde dos participantes. Para além dos impactos na saúde física, tem existido uma preocupação crescente com os impactos psicológicos desta atividade. Este trabalho caracterizado por longas horas de trabalho, pressão para o cumprimento de prazos e alguma instabilidade traduz-se em altos níveis de stress, ansiedade e depressão, afetando assim a saúde mental destes trabalhadores (Leite et al., 2017). Apesar da literatura alertar para esta realidade e a saúde mental se revelar um tema de interesse crescente, a realidade é que, quando questionados acerca dos impactos para a saúde desta atividade, nenhum participante abordou impactos psicológicos.

Um dos impactos para a saúde reconhecido pelos participantes é o aparecimento de problemas respiratórios devido à excessiva exposição ao pó. É sabido que uma exposição contínua ao pó é prejudicial, uma vez que o pó derivado de materiais como a areia, o cimento, entre outros pode incluir substâncias consideradas nocivas que, sendo inaladas, podem originar problemas respiratórios crónicos (Lima & Cavaignac, 2021). Estudos indicam que uma exposição prolongada a estes pós, como acontece na construção, pode originar doenças pulmonares obstrutivas e, em cenários mais alarmantes, cancro no pulmão (Leal, 2021). Isto é reconhecido e confirmado pelos nossos participantes que afirmam sentir problemas na respiração devido a esta exposição: “(...) é o pó todo com que levamos, nem se respira igual” (P3).

Outro impacto para a saúde mencionado pelos trabalhadores reflete os problemas de coluna derivados do peso excessivo que muitas vezes têm que suportar sem ajuda, como supracitado. A necessidade de realização de esforços físicos contínuos, movimentos repetitivos e trabalhar em posições desconfortáveis pode resultar em várias lesões como distensões musculares, tendinites e problemas nas articulações (Souza et al., 2021). A literatura indica que as lesões mais comuns incidem sobre a região lombar, ombros e joelhos (Oliveira & Souza, 2015). Tal foi mencionado por vários participantes, relatando dores constantes na coluna: “É assim, em termos de saúde, para as costas e assim, é um trabalho sempre mais pesado. Por causa do peso que a gente pega. E é isso que eu acho que é mais complicado, é uma arte um pouco pesada” (P6).

## **Tabela 5**

*Exemplos de verbalizações acerca dos impactos para a saúde*

	<p><i>[Que impactos considera que esta atividade tem para a sua saúde?] (...) e apanhar pó, é complicado, ando sempre a tossir até, é que às vezes inalo aquilo” (P2)</i></p>
<p><b>“Ando sempre a tossir”</b></p>	<p><i>“(...) é o pó todo com que às vezes levamos, nem se respira igual.” (P3)</i></p> <p><i>“(...)o pó, um bocado de pó, também faz mal estar sempre a levar com aquilo, até me afeta um bocadinho a respiração, não nota?” (P6)</i></p>
<p><b>“Uma arte um pouco pesada”</b></p>	<p><i>“É assim, em termos de saúde, para as costas e assim, é um trabalho sempre mais pesado. Por causa do peso que a gente pega. E é isso que eu acho que é mais complicado, é uma arte um pouco pesada. “(P6)</i></p> <p><i>“Às vezes eu pego em pesos, por causa da coluna, que até agora estou a espera de ser operado. Ai a coluna esse é um grande esforço...Esses esforços às vezes têm um bocadinho de impacto.” (P5)</i></p>

---

*[Que impactos considera que esta atividade tem para a sua saúde?] (...)são problemas de coluna por causa dos pesos” (P3)*

---

### **3.5 Acidentes de trabalho**

Por fim, revela-se indispensável analisar os acidentes de trabalho ocorridos nesta atividade e o processo de regresso ao trabalho após a ocorrência dos mesmos. Processo esse que foi possível identificar que acontece de forma não intencionalizada, na ausência de um planeamento prévio co-construído com os trabalhadores para este regresso, o que dificulta a atividade dos envolvidos, como será desenvolvido posteriormente.

Antes de passar à análise dos acidentes de trabalho que foram expostos pelos participantes, importa refletir acerca da desvalorização da ocorrência destes por parte da maioria dos participantes. Apesar de alguns afirmarem nunca ter tido um acidente, foi possível compreender que estes só atribuem alguma importância quando o acidente se revela grave e exige recorrer a cuidados médicos, seguro de saúde e requer abandonar temporariamente a atividade de trabalho. Ou seja, apesar de não ser considerado por estes um acidente, a realidade é que o mesmo ocorreu. Para além disto foi ainda possível compreender que nem quando existe alguma gravidade, por exemplo, cair de uma altura de três metros e partir o pulso, se atribui a denominação de acidente de trabalho: *“Foi só aquele susto que lhe contei, mas nem considero um acidente de trabalho, mas assim cair e ir para o seguro nunca. Aliás, caí uma vez abaixo da obra, mas só para aí 3 metros e não me aleijei. Quer dizer, parti o pulso, mas nem fui ao médico, nem nada. Ainda tenho aqui o problema (...) Continuei a trabalhar, mandei buscar uma liga à farmácia, ligou, tá feito. Continuei sempre a trabalhar, nem fui ao médico (P2)”*. Através deste e outros testemunhos que podem ser encontrados na Tabela 6, é possível refletir acerca da desvalorização que se dá à ocorrência de acidentes e pela ausência de reconhecimento destes acidentes (ausência de técnicos de segurança em empresas desta dimensão), o que contribui para uma naturalização da dureza associada ao exercício desta atividade.

Apesar desta desvalorização, alguns participantes partilharam a ocorrência de acidentes de trabalho, acidentes esses que exigiram apoio médico, assistência do seguro de saúde e permanência em casa. Os acidentes apresentados envolvem queda de alturas,

trilhar dedos e problemas nas articulações advindos de movimentos repetitivos. Para além disso, vários participantes referiram alguns cortes nos dedos no manuseamento de máquinas ou pequenas quedas, não considerando os mesmos como um acidente de trabalho. Todos estes acidentes exigiram um período de afastamento do trabalho para recuperação. O participante que “trilhou o dedo numa central” (P1), esteve afastado do trabalho três semanas. Um dos participantes que caiu, tendo partido as costelas, a bacia e o braço ficou em casa um ano, regressou ao trabalho durante dois meses e não tendo aguentado os esforços exigidos pela atividade, voltou para casa durante mais três meses, totalizando um ano e três meses afastado da atividade (P4). O participante que começou a manifestar problemas nas articulações devido aos movimentos repetitivos realizados ficou em casa durante meio ano (P9). E, por fim, o participante que caiu de um andaime tendo partido um braço e uma perna ficou em casa durante três meses (P12).

Apesar do P9 nomear a sua situação como um acidente de trabalho, uma vez que o obrigou a ficar meio ano em casa, a verdade é que analisando a informação dada pelo mesmo, é possível constatar que se poderá tratar de uma doença profissional, uma vez que foi desenvolvida uma tendinite devido a movimentos repetidos, problema esse que se continua a manifestar, mesmo que o participante tenha regressado às suas funções, a verdade é que o faz de forma mais custosa: *“Acidente de trabalho, é como digo, foi meio ano, foi articulações, não sei se teve efeitos de trabalho, foi um acumular, sempre a fazer aquele movimento... se calhar o mesmo movimento, acabei por ganhar tendinites, claro que afeta um bocado.”* (P9)

Tendo em conta isto, importa analisar como ocorreu o processo de regresso ao trabalho destes trabalhadores, e que impactos este acidente teve para si. A importância da existência de um plano para auxiliar este regresso é reconhecida. Em muitos países europeus, a legislação exige que as empresas implementem planos de ação para o regresso ao trabalho, que incluam a avaliação das condições de saúde e segurança, resultando numa maior taxa de reintegração bem-sucedida (Monteiro & Pereira, 2018). Apesar disto, foi possível compreender que nesta empresa, esse plano não existe, nem qualquer tipo de avaliação das condições de saúde e segurança destes trabalhadores, exigindo assim que os trabalhadores tenham que se adaptar. Estes regressam e continuam a realizar as tarefas que faziam anteriormente, independentemente das suas condições e de sentirem mais receio e dificuldades.

Para além disto, e como já foi mencionado relativamente a temas abordados anteriormente, estes trabalhadores encaram esta atividade como algo que têm que fazer independentemente das dificuldades sentidas: “(...) às vezes com um bocadinho de custos, mas tem que ser” (P4). Todos afirmam que apesar de algum medo e insegurança inicial após algum tempo tudo voltou ao normal: “Mudou talvez a atenção que dou quando estou a fazer as coisas, fiquei muito mais cuidadoso, mas vá só nos primeiros tempos, agora já está tudo igual, sempre a andar” (P12). Relativamente a inseguranças, os participantes afirmam mais uma vez que, numa fase inicial, sentiram algum receio a realizar trabalho em alturas ou trabalho que envolva material muito pesado, de acordo com o acidente de cada participante. Apesar desta ser uma tarefa conhecida, o acidente impactou a perceção destes participantes sobre a atividade, começando a encará-la como mais arriscada.

## Tabela 6

### Verbalizações acerca dos acidentes de trabalho

---

*“Foi só aquele susto que lhe contei, mas nem considero um acidente de trabalho, mas assim cair e ir para o seguro nunca. Aliás, caí uma vez abaixo da obra, mas só para aí 3 metros e não me aleijei. Quer dizer, parti o pulso, mas nem fui ao médico, nem nada. Ainda tenho aqui o problema (...) Continuei a trabalhar, mandei buscar uma liga à farmácia, ligou, tá feito. Continuei sempre a trabalhar, nem fui ao médico.” (P2)*

#### **“Nem fui ao médico”**

*“[E já sofreu algum acidente de trabalho? Não, nada. Felizmente nunca nada aconteceu até à data. Nunca fiquei um dia em casa, tirando férias. Às vezes fazemos um cortezito ou outro, mas isso nem conta, mete-se um penso e toca a continuar o trabalho, o trabalho não para, não pode parar.” (P3)*

*“Já, mas foi um pequeno acidente, foi um corte. Foi um pequeno acidente, nem conta. Fiquei só três dias em casa (...) foi uma coisa pequena, mesmo uma coisa pequena.” (P6)*

---

---

*“Não, mas assim coisas mais pequeninas é normal. Já me aconteceu coisas muito passageiras, mas nem foi preciso ficar em casa. A única situação foi deste dedo, não dava para trabalhar. Também caí uma vez a descarregar o material de uma carrinha, onde havia uns contentores de deitar os ferros e de separar o lixo. E então cheguei lá e estava lá um senhor que me pediu os ferros e fui para cima da carrinha para lhe dar os ferros e tropecei em cima da carinha, caí abaixo, e bati com a cabeça num cimento no chão e fui para o hospital. Mas isso não foi um acidente de trabalho a sério.” (P7)*

*“Eu nunca. Tive apenas uma situação com um dedo, mas foi normal. Apesar de isso para mim não ser um acidente de trabalho. Para mim um golpe no dedo não é acidente de trabalho” (P8)*

---

*“Nunca sofri um acidente de trabalho, a única coisa que me aconteceu foi um pequenino acidente, foi neste dedo. Trilhei-o na central enquanto trabalhava.” (P1)*

**Descrição do acidente**

*“Estava a fazer uma coisita numa escada, só dei conta de estar no chão. Caí.” (P4)*

*“Estava eu a montar um andaime, num dia de chuva. o andaime estava muito escorregadio, no momento em que eu troquei o arnês e estava a passar para o outro ponto seguro, escorreguei e caí do terceiro piso do andaime, entre o andaime e a fachada, não me lembro de mais nada, fiquei abanado durante horas, parti uma perna e um braço.” (P12)*

**Impacto do acidente**

---

*“[E a nível de impacto do acidente, teve algum impacto para si?] Não, regresssei ao trabalho e continuei a fazer o meu trabalho da mesma forma. Também não fiquei com nenhuma mazela o que ajudou um bocadinho. Faço tudo igual, também tenho que fazer...” (P1)*

---

---

*“[Que impacto teve esse acidente para si? Fiquei de baixa 3 meses em casa.”*  
(P12)

---

**Processo de  
regresso ao  
trabalho**

*“[Como foi o processo de regresso ao trabalho após o acidente? Eu estive perto de um ano em casa e depois regressei e depois só trabalhei mais dois meses ou pouco mais e tive de tornar a recorrer ao seguro, porque não aguentei. Não aguentei porque o acidente foi um pouco grave. Eu parti...eu fendi a coluna em três elos que até está torta. E parti costelas, e parti o braço, e parti a bacia, foi complicado. Depois eu regressei só que depois a coluna tornou, pronto, com os esforços, começou-me a coluna a fazer doer uma perna. E tive que voltar, tornei a recorrer ao seguro e tornei para o seguro três meses mais ou menos. E depois tornei e pronto desde aí para já. Às vezes com um bocadinho de custos, mas... tem que ser.”* (P4)

*“[E como foi o processo de regresso ao trabalho após o acidente? ] Ao início foi difícil, estava com muito mais medo sempre que fazia a mesma tarefa, mas depois voltou tudo ao normal”* (P12)

*“[Após regresso ao trabalho, algo mudou ou manteve-se tudo igual?] Mudou talvez a atenção que dou quando estou a fazer as coisas, fiquei muito mais cuidadoso, mas vá, só nos primeiros tempos, agora já está tudo igual, sempre a andar.”* (P12)

---

**Insegurança  
na realização  
de tarefas  
conhecidas**

*“Nos princípios depois, custava me às vezes de subir assim às alturas, ganhei um bocadinho de medo, não é? De resto. Tudo ok.”* (P4)

*“Claro que tenho mais receio. Quando é o material mais pesado eu digo para me mandar outro, um ajudante. Senão eu tenho medo de fazer sozinho.”*  
(P9)

*“Aii ao início sim, sempre que estava em cima do andaime era um medo, nem podiam falar para mim, estava ali concentrado, ganhei um bocadinho*

---

---

*de medo a alturas, mas agora já está tudo na mesma, já passou o susto.”*  
(P12)

---

#### **4. Reflexões finais**

Numa postura reflexiva, revela-se pertinente terminar salientando os pontos mais relevantes da presente dissertação, levantando questões cruciais quando se analisa a temática da saúde e segurança neste setor.

Esta é uma atividade bastante desafiadora com uma tendência para a exposição a riscos elevados e necessidade de um grande esforço físico por parte dos seus trabalhadores. Apesar disto e de todo o seu valor e importância para a sociedade, a verdade é que continua a ser uma profissão pouco reconhecida na qual os trabalhadores continuam a ser subvalorizados. Foi possível compreender que existe uma incompatibilidade entre as condições de trabalho e a utilização de EPIs, pelo que a não utilização dos mesmos não reflete uma resistência por parte dos trabalhadores ou desconhecimento dos riscos associados, mas sim, um mecanismo para realizar as tarefas de forma mais rápida e confortável. Ademais, importa também refletir acerca dos acidentes de trabalho. Vários trabalhadores contaram episódios de acidentes de trabalho com consequências para a saúde, como partir o pulso. Apesar disto não conotam esse episódio como um acidente e não procuraram acompanhamento médico, continuando a trabalhar lesionados. Isto salienta a importância de um maior acompanhamento dos mesmos. Para além disso, a inexistência em muitas empresas de um plano de regresso ao trabalho após a ocorrência de um acidente reforça mais uma vez a necessidade deste acompanhamento. Apesar da reconhecida e supracitada importância da existência destes planos, a realidade é que muitas empresas não os têm, o que dificulta o regresso destes trabalhadores que acabam por ser eles a ter de se adaptar à nova realidade de trabalho, realizando as mesmas tarefas mesmo que com mais dificuldade e insegurança.

Tendo em conta todos os riscos a que se encontram expostos que levam a possíveis acidentes de trabalho e desenvolvimento de doenças profissionais, urge a exigência de

um maior acompanhamento, atendendo às necessidades dos mesmos. Após a análise destas necessidades, deveriam ser adotadas estratégias que permitissem eliminar as dificuldades e simultaneamente, melhorar as condições de trabalho. Ademais, seria também imprescindível que todas as empresas deste setor adotassem um plano de regresso ao trabalho após acidente, adaptado à realidade de cada trabalhador, como já é de reconhecida importância.

Apesar deste estudo representar um contributo no que concerne a estas questões, o mesmo apresenta algumas limitações. A impossibilidade de realizar observações devido a questões de segurança constituiu uma significativa limitação. A ausência de autorização para a permanência em terreno impediu a recolha e identificação de informações essenciais, particularmente no que concerne às condições laborais e aos comportamentos dos trabalhadores. Tais dados teriam contribuído de forma relevante para o aprofundamento e enriquecimento do conteúdo abordado nas entrevistas realizadas. Para além disso, a realização do estudo apenas numa empresa também pode ser condicionante, uma vez que sendo realizado em diferentes empresas poderia ser feita uma comparação entre as mesmas, o que enriqueceria a investigação.

Numa perspetiva de dar continuidade ao trabalho desenvolvido na presente investigação seria importante realizar esta análise noutras empresas do setor, até para fins comparativos, principalmente no que concerne à existência de um plano de regresso ao trabalho após um acidente. Ademais, seria também importante a realização de observações, desde que asseguradas todas as condições de segurança e com devida autorização.

### Referências bibliográficas:

- Alemu, A. A., Yitayew, M., Azazeh, A., & Kebede, S. (2020). Utilization of personal protective equipment and associated factors among building construction workers in Addis Ababa, Ethiopia, 2019. *BMC Public Health*, 20, 1-7. <https://doi.org/10.1186/s12889-020-08889-x>
- Banez, P., Co, C., Falconitin, K., Balaria, F., & Fronda, J. (2019). Factors affecting laborers' productivity in the construction companies. *International Journal of Advanced Engineering Management and Science*, 5(5), 335-338. <https://doi.org/10.22161/ijaems.5.5.6>
- Barros, S. C. (2021). O operário da construção civil: as funções dos significados do trabalho e do dinheiro. *Athenea Digital. Revista de pensamiento e investigación social*, 21(2). <https://doi.org/10.5565/rev/athenea.2817>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo. Edições 70. (Obra original publicada em 1977)*
- Blokker, R., Akkermans, J., Tims, M., Jansen, P., & Khapova, S. (2019). Building a sustainable start: The role of career competencies, career success, and career shocks in young professionals' employability. *Journal of Vocational Behavior*, 112, 172-184. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2019.02.013>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Bridi, M. E., Formoso, C. T., Pellicer, E., Fabro, F., Viguer Castello, M. E., & Echeveste, M. E. S. (2013). Identificação de práticas de gestão da segurança e saúde no trabalho em obras de construção civil. *Ambiente Construído*, 13, 43-58. <https://doi.org/10.1590/s1678-86212013000300004>
- Butnaru, B. I., & Nicuță, A. M. (2017). Analysis of risk factors in construction industry. *Buletinul Institutului Politehnic din Iasi. Sectia Constructii, Arhitectura*, 63(1).
- Cerić, A. and Ivić, I. (2020). Construction labor and skill shortages in Croatia: causes and response strategies. *Organization Technology and Management in Construction*

an International Journal, 12(1), 2232-2244. <https://doi.org/10.2478/otmcj-2020-0019>

Challouts, C. U., da Silva, T. M. G., & Garcia, L. F. (2022). Saúde e condições de trabalho na construção civil: um estudo de caso. *Temas Em Saúde*, 22(6), 264-290. <https://doi.org/10.29327/213319.22.6-12>

Creed, P., Prideaux, L. A., & Patton, W. (2005). Antecedents and consequences of career decisional states in adolescence. *Journal of Vocational Behavior*, 67(3), 397-412. <https://doi.org/10.1016/j.jvb.2004.08.008>

da Silva, D. D. T., de Andrade, E. M. G., de Almeida, R. R. P., & Leite, G. U. (2021). Segurança no Trabalho pela Redução de Infortúnios Laborais na Construção Civil: Uma Revisão de Literatura/Safety at Work for the Reduction of Labor Informs in Civil Construction: A Literature Review. ID on line. *Revista de psicologia*, 15(54), 571-581. <https://doi.org/10.14295/online.v15i54.3007>

Dogbla, L., Gouvenelle, C., Thorin, F., Lesage, F. X., Zak, M., Ugbolue, U. C., ... & Dutheil, F. (2023). Occupational risk factors by sectors: an observational study of 20,000 workers. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(4), 3632. <https://doi.org/10.3390/ijerph20043632>

Ensslin, L., Gonçalves, A., Ensslin, S. R., Dutra, A., & Longaray, A. A. (2022). Constructivist multi-criteria model to support the management of occupational accident risks in civil construction industry. *Plos one*, 17(6), e0270529. <https://doi.org/10.48075/gdemrevista.v9i1.28320>

Ferreira, J. G. D. S. V., da Silva Amorim, J., da Silva Lavinias, L., & Barbosa, B. B. (2019). Risco Ergonômico na Atividade Envolvendo Transporte Manual de Cargas no Canteiro de Obras. *Revista Eletrônica TECCEN*, 12(2), 39-44. <https://doi.org/10.21727/teccen.v12i2.2027>

Gustavsson, P., Wiebert, P., Tinnerberg, H., Bodin, T., Linnarsjö, A., Myrberg, I. H., ... & Selander, J. (2022). Time trends in occupational exposure to chemicals in Sweden: proportion exposed, distribution across demographic and labor market strata, and exposure levels. *Scandinavian Journal of Work, Environment & Health*, 48(6), 479. <https://doi.org/10.5271/sjweh.4040>

- Junior, G. M. G., de Oliveira Júnior, C. J., de Carvalho, W. S., de Sousa Soares, G. C., & de Oliveira, C. E. P. M. (2023). Riscos de acidentes associados a precariedade laboral na indústria da construção civil. *CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES*, 16(12), 30319-30327. <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.12-076>
- Knauth, D. R., & Leal, A. F. (2014). A expansão das Ciências Sociais na Saúde Coletiva: usos e abusos da pesquisa qualitativa. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 18(50), 457-467. <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0274>
- Lima, R. A., & de Oliveira Cavaignac, A. L. (2021). AET e FMEA para classificação dos riscos ergonômicos na construção civil de pequeno porte. *Brazilian Journal of Production Engineering*, 7(2), 85-94. <https://doi.org/10.47456/bjpe.v7i2.33683>
- Maciel, A. P., & Neto, A. I. (2022). Análise da produtividade de características da mão de obra em canteiros de obra da região Sul e Sudeste do Brasil. *ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO*, 19, 1-11. <https://doi.org/10.46421/entac.v19i1.2211>
- Monteiro, B., & Pereira, V. B. (2018). O espaço experiencial da dor: sofrimento, corpo e inscrição social depois do acidente de trabalho entre trabalhadores industriais portugueses. *Laboreal*, 14(Nº1). <https://doi.org/10.4000/laboreal.519>
- Pereira, C., Santos, M., & Cunha, L. (2018). Percursos de regresso ao trabalho após acidente: confronto com novos obstáculos. *Laboreal*, 14(Nº1). <https://doi.org/10.4000/laboreal.430>
- PORDATA. (2021). Acidentes de trabalho graves: total e por alguns setores de atividade económica.
- PORDATA. (2021). Acidentes de trabalho mortais: total e por alguns setores de atividade económica.
- PORDATA. (2022). Acidentes de trabalho mortais: total e por setor de atividade económica.
- PORDATA. (2022). Acidentes de trabalho: total e por atividade económica.

- Reatto, D., & Godoy, A. S. (2017). Aprendizagem informal no setor público: foco nas interações sociais e contexto organizacional. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 11(1), 17-36. <https://doi.org/10.12712/rpca.v11i1.775>
- Rycroft-Malone, J., Harvey, G., Seers, K., Kitson, A., McCormack, B., & Titchen, A. (2004). An exploration of the factors that influence the implementation of evidence into practice. *Journal of clinical nursing*, 13(8), 913-924.
- Santos, M., Lopes, C., & Oliveira, T. (2020). Regresso ao Trabalho após Acidente Laboral. *Revista Portuguesa de Saúde Ocupacional online*, 9, S123-S131. <https://doi.org/10.31252/rpso.16.05.2020>
- Santos, S. R. T. G., & de Oliveira, L. H. (2018). Afastamento do trabalho: Análise da percepção de gestores e reabilitados reintegrados à empresa de maneira sustentável. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, 8(3), 40-66.
- Silva, E. C., & de Oliveira, U. R. (2023). Mapeamento e análise de falhas de acidentes de trabalho em empresas de construção e montagem eletromecânica. *OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA*, 21(1), 113-137. <https://doi.org/10.55905/oelv21n1-007>
- Sobrinho, J. M., & de Sousa Medeiros, F. J. (2017). análise do nível de treinamento dos trabalhadores da construção civil na cidade de Monteiro-PB. *SINERGIA-Revista do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis*, 21(1), 91-106. <https://doi.org/10.17648/sinergia-2236-7608-v21n1-6684>
- Stradioto, J. P., Michaloski, A. O., & Santos, C. H. S. (2022). Analysis on Feasibility and Technology Transfer in Civil Construction: Capability Matrix in Conjunction with Ergonomic Strategies. <https://doi.org/10.31686/ijier.vol10.iss10.3970>
- Valcorte, G., de Carvalho, J. K., de Carvalho, C. V., & Casola, K. K. (2020). A influência do estado mental em acidentes de trabalho: uma revisão de literatura. *Disciplinarum Scientia| Saúde*, 21(2), 249-257. <https://doi.org/10.37777/dscs.v21n2-021>

## **ANEXOS**

## **Anexo 1: Consentimento informado**

No âmbito da minha Dissertação de Mestrado em Psicologia das Organizações, Social e do Trabalho, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, eu, Andreia Martins, estou a desenvolver o presente estudo sob orientação da Docente Liliana Cunha.

A entrevista que será realizada tem como objetivo perceber e explorar as condições de trabalho e saúde dos trabalhadores da construção civil, focando também na exploração de possíveis acidentes de trabalho sofridos ao longo do exercício desta atividade. Neste sentido, solicito a sua colaboração respondendo às questões colocadas e à partilha de qualquer informação que considere relevante dentro da temática em estudo.

Para efeitos de transcrição e análise de informação, solicito-lhe autorização para a gravação em áudio do momento da recolha de dados. Toda a informação recolhida irá ser mantida sob anonimato e confidencialidade, servindo a gravação apenas para o efeito supracitado.

Durante a realização da entrevista poderá decidir não dar continuidade à sua participação no estudo sem necessidade de justificação. Para além disso, não terá qualquer benefício ou prejuízo se recusar participar no mesmo.

Obrigada pela sua colaboração.

Para qualquer esclarecimento adicional, pode me contactar: [up201906716@up.pt](mailto:up201906716@up.pt)

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Assinatura da estudante: \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

## **Anexo 2: Mapa temático de análise**

1. Início do percurso profissional
  - 1.1 Idade
  - 1.2 “Artistas mais velhos”
2. Atividade de trabalho
  - 2.1 “Animais da selva”
  - 2.2 “É muito duro”
  - 2.3 “Quer goste, quer não goste”
  - 2.4 “Até à reforma”
3. Fatores de risco
  - 3.1 “Um gelo dos diabos”
  - 3.2 Trabalho em alturas
  - 3.3 Esforço físico
  - 3.4 “Essas coisas químicas”
  - 3.5 “Para um desenrasque”
4. Impactos para a saúde
  - 4.1 “Ando sempre a tossir”
  - 4.2 “Uma arte um pouco pesada”
5. Acidentes de trabalho
  - 5.1 “Nem fui ao médico”
  - 5.2 Descrição do acidente
  - 5.3 Impacto do acidente
  - 5.4 Processo de regresso ao trabalho
  - 5.5 Inseguranças na realização de tarefas conhecidas

### Anexo 3: Definição operacional das categorias

<b>Início do percurso profissional</b>	<b>Idade</b>	Categoria onde se inserem verbalizações acerca da idade com que iniciaram o seu percurso profissional.
	<b>“Artistas mais velhos”</b>	Categoria onde se inserem verbalizações acerca da aprendizagem.
<b>Atividade de trabalho</b>	<b>“Animais da selva”</b>	Categoria onde se inserem verbalizações acerca das condições de trabalho.
	<b>“É muito duro”</b>	Categoria onde se inserem verbalizações acerca da opinião quanto à profissão escolhida.
	<b>“Quer goste, quer não goste”</b>	Categoria onde se inserem verbalizações acerca da forma como encaram a atividade.
	<b>“Até à reforma”</b>	Categoria onde se inserem verbalizações acerca da estabilidade do trabalho.
<b>Fatores de risco</b>	<b>“Um gelo dos diabos”</b>	Categoria onde se inserem verbalizações acerca da exposição a diferentes temperaturas.
	<b>Trabalho em alturas</b>	Categoria onde se inserem verbalizações acerca do trabalho em alturas.
	<b>Esforço físico</b>	Categoria onde se inserem verbalizações acerca dos esforços físicos realizados.
	<b>“Essas coisas químicas”</b>	Categoria onde se inserem verbalizações acerca da exposição a produtos químicos.
	<b>“Para um desenrasque”</b>	Categoria onde se inserem verbalizações acerca da não utilização de EPIs.
<b>Impactos para a saúde</b>	<b>“Ando sempre a tossir”</b>	Categoria onde se inserem verbalizações acerca de problemas respiratórios, devido à exposição ao pó.

	<b>“uma arte um pouco pesada”</b>	Categoria onde se inserem verbalizações acerca de problemas de coluna derivados ao peso excessivo.
	<b>“Nem fui ao médico”</b>	Categoria onde se inserem verbalizações acerca da desvalorização de acidentes.
<b>Acidentes de trabalho</b>	<b>Descrição do acidente</b>	Categoria onde se inserem verbalizações acerca da descrição do acidente
	<b>Impacto do acidente</b>	Categoria onde se inserem verbalizações acerca do impacto do acidente.
	<b>Processo de regresso ao trabalho</b>	Categoria onde se inserem verbalizações acerca do processo de regresso ao trabalho após o acidente.
	<b>Inseguranças na realização de tarefas conhecidas</b>	Categoria onde se inserem verbalizações acerca de inseguranças na realização de tarefas conhecidas após o acidente.

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

